# Aitareya Upaniṣad
## (Ṛgveda. Nº 8*. Mukhya)

## Preâmbulo

A Aitareya Upaniṣad é uma Mukhya Upaniṣad (Upaniṣad Principal[1]) e uma das Daśopaniṣads (Dez Upaniṣads) que foram comentadas por Śaṅkara.

A presente tradução das ‘Palavras de Mistério de Aitareya’ provém da de Max Müller[2], e a Introdução e a Invocação vêm de outras fontes. A numeração é a de Śaṅkara.

Aitareya foi o autor ou ‘vidente’ de um texto Brāhmaṇa e um Āraṇyaka que receberam seu nome, e esta Upaniṣad é parte do Aitareya Āraṇyaka.

Upaniṣad significa ‘sentar-se aos pés de outro para ouvir suas palavras’, ‘mistério que jaz ou repousa sob o sistema externo de coisas’, ‘doutrina esotérica’, ‘palavras de mistério’, entre outros significados semelhantes, e dá nome a ‘uma classe de escritos filosóficos que têm como objetivo expor o significado secreto do Veda, e elas (as Upaniṣads) são consideradas como a fonte das filosofias Vedānta e Sāṃkhya’.[3]

Eleonora Meier.
Agosto de 2016.

## Introdução

A *Aitareya Upaniṣad* pertence ao *Ṛgveda* e a *Upaniṣad* em si consiste em três capítulos. Ela é parte do *Aitareya Āraṇyaka*, e começa com o Quarto Capítulo (*Adhyāya*) do Segundo *Āraṇyaka*, e abrange os Capítulos (*Adhyāyas*) 4, 5 e 6. As partes precedentes tratam de cerimônias sacrificais como a *mahāvrata* e suas interpretações. O propósito da *Upaniṣad* é levar a mente do sacrificador do cerimonial externo para o seu significado interno. Todo verdadeiro sacrifício é interno. Śaṅkara observa que há três classes de homens que desejam adquirir sabedoria. Os mais elevados são aqueles que deram as costas ao mundo, cujas mentes são livres e serenas e que são ávidos por sabedoria. Para esses a *Upaniṣad* (*Aitareya Āraṇyaka,* II. 4-6) é destinada. Há outros que desejam se tornar livres gradualmente por chegarem ao mundo de Hiraṇyagarbha. A eles o culto ao *prāṇa*, o ar vital, é destinado (*Aitareya Āraṇyaka*, II, 1-3). Ainda há outros que só se importam com posses mundanas. A eles o culto meditativo da *Saṃhitā* é destinado (*Aitareya Āraṇyaka*, III).

S. Radhakrishnan,
*The Principal Upaniṣads,* 1953.

---

* Da lista da *Muktikopaniṣad*, que nos versos 30–39 enumera as 108 Upaniṣads.

[1] As Upaniṣads além disso são classificadas em Sāmānya ou Sāmānya Vedānta, sobre ensinamentos de interesse geral (*sāmānya*); Saṃnyāsa, sobre regras e diferentes aspectos do Saṃnyāsa ou Renúncia; Śākta, sobre Śakti ou Devī (a Deusa); Vaiṣṇava, sobre Viṣṇu; Śaiva, sobre Śiva, e Yoga, sobre diferentes aspectos do Yoga.

[2] Sacred Books of the East, Vol. I, 1879.

[3] Todos os significados aqui usados vêm do *Dicionário Sânscrito-Inglês Monier-Williams*.

## Invocação[4]

*Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com a) mente;*
*Que a minha mente se baseie na fala.*
*Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.*
*Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.*
*Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.*
*Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia*
*E noite através deste estudo.*
*Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;*
*Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.*
*Que esse (Brahman) me proteja;*
*Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;*
*Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.*
*Om! Paz! Paz! Paz!*

Traduzida por Swami Gambhirananda
Publicada por Advaita Ashram, Kolkatta.

[4] Cada *Upaniṣad* começa com uma prece, o *Śānti Mantra* (Mantra da Paz), uma fórmula para a invocação de paz, cantada no início e no fim do estudo.

# Capítulo 1[1]

## Seção 1

### A CRIAÇÃO DA PESSOA CÓSMICA

**1.1.1.** Em verdade, no início[2] tudo isso[3] era o Ser,[4] apenas um; não havia mais nada piscando[5] de modo algum. Ele pensou: 'Eu devo emitir mundos?'[6] Ele emitiu estes mundos:

**1.1.2.** Ambhas (água), Marīci (luz), Mara (mortal) e Ap [Apas ou Apah] (água). Ambhas (água) está acima do céu, e é o céu, o suporte.[7] Os Marīcis (os raios de luz) são o firmamento. O Mara (mortal) é a terra, e as águas debaixo da terra são o mundo Ap.[8]

**1.1.3.** Ele pensou: 'Esses mundos existem; eu devo emitir guardiões dos mundos?' Ele então formou o Puruṣa (a pessoa),[9] tirando-o da água.[10]

**1.1.4.** Ele meditou sobre ela,[11] e quando aquela pessoa tinha sido assim meditada, uma boca irrompeu[12] como um ovo. Da boca veio a fala, da fala Agni (fogo).[13]

As narinas irromperam. Das narinas veio o olfato (prāṇa),[14] do olfato Vāyu (ar).

Os olhos irromperam. Dos olhos veio a visão, da visão Āditya (sol).

As orelhas irromperam. Das orelhas veio a audição, da audição Diś (quadrantes do mundo),

A pele irrompeu. Da pele vieram pelos (sentido de tato), dos pelos arbustos e árvores.

O coração irrompeu. Do coração veio a mente, da mente Candramas (lua).

O umbigo irrompeu. Do umbigo veio o Apāna (o ar descendente),[15] do Apāna a morte.

O órgão gerador irrompeu. Do órgão veio a semente, da semente a água.

---

[1] [Não contando com a localização da *Upaniṣad* dentro do *Aitareya Āraṇyaka;* veja a Introdução].
[2] Antes da criação. Comentário.
[3] ['O universo manifestado'. – S. Radhakrishnan].
[4] [Ātman, 'a alma, princípio de vida e sensação'. – Monier-Williams].
[5] Piscando, *miṣat*, isto é, vivo; compare com o ṚV. 10.190.2: *viśvasya miṣato vaśī*, o senhor de toda a vida [ou 'de todos os que fecham os olhos'. – Griffith. S. Sitarama Sastri lê: 'não havia nada mais *ativo*'].
[6] [Na maioria das traduções a frase é afirmativa e o verbo 'criar' substitui 'emitir'].
[7] ['O céu é seu suporte'. – S. Radhakrishnan e Swami Gambhirananda].
[8] Os nomes dos quatro mundos são peculiares. *Ambhas* significa água, e é o nome dado ao mundo mais alto, as águas acima do céu, e o próprio céu. *Marīcis* são raios, aqui usado como um nome do céu, *antarikṣa*. *Mara* significa morte, e a terra é chamada assim porque todas as criaturas que vivem lá morrem. *Ap* é água, aqui explicada como as águas sob a terra. A divisão usual do mundo é tripla: terra, firmamento e céu. Aqui é quádrupla, a quarta divisão sendo a água ao redor da terra, ou, como o comentador diz, debaixo da terra. *Ambhas* provavelmente significava o mais alto céu (*Dyaus*), e foi então explicado tanto como o que está acima do céu quanto o próprio céu, o suporte.
[9] Puruṣa; um ser corporificado, Colebrooke; um ser de forma humana, Röer. ['O homem primevo como a alma e fonte original do universo (descrito no *Puruṣa-Sūkta'*, ['O Hino do Homem', *Ṛgveda,* 10.90]). – Monier-Williams].
[10] De acordo com o comentador, dos cinco elementos, começando com a água. Essa pessoa significa o Virāj.
[11] *Tap*, como o comentador observa, não significa aqui e em passagens semelhantes realizar austeridades (*tapas*), mas conceber e querer e criar pela mera vontade. Eu o traduzi por meditar, embora isso exprima apenas uma parte do significado expresso por *tap*.
[12] Literalmente, foi aberta. ['Sua boca (isto é, de Virat), se partiu, assim como um ovo'. – Swami Gambhirananda].
[13] Três coisas são sempre distinguidas aqui: o lugar de cada sentido, o instrumento do sentido, e o deus que preside o sentido.
[14] Prāṇa, isto é, *ghrāṇendriya* [órgão ou sentido do olfato], deve ser diferenciado de prāṇa, o ar ascendente, um dos cinco prāṇas, e da mesma forma do prāṇa como o princípio da vida.
[15] O Apāna, o ar descendente, é geralmente um dos cinco ares vitais que se supõe que mantêm o corpo vivo. Aqui, no entanto, Apāna é deglutição e digestão.

# Capítulo 1

## Seção 2

### OS PODERES CÓSMICOS NO CORPO HUMANO

**1.2.1.** Aquelas divindades (devatā), Agni e o resto, depois de terem sido emitidas, caíram nesse grande oceano.[16] Então ele (o Ser) afligiu a ele, (a pessoa), com fome e sede. As divindades então (atormentadas pela fome e sede) falaram a ele (o Ser): "Dá-nos um lugar no qual possamos descansar e ingerir alimentos".[17]

**1.2.1.** Ele levou uma vaca para eles (os deuses). Eles disseram: "Isso não é suficiente".[18] Ele levou um cavalo para eles. Eles disseram: "Isso não é suficiente".

**1.2.3.** Ele levou o homem[19] para eles. Então eles disseram: "Bem feito,[20] de fato". Portanto, o homem é bem feito. E ele lhes disse: "Entrem, cada um segundo o seu lugar".

**1.2.4.** Então Agni (o fogo), tendo se tornado a fala, entrou na boca. Vāyu (o ar), tendo se tornado o olfato, entrou nas narinas. Āditya (o sol), tendo se tornado a visão, entrou nos olhos. Diś [ou Diśas] (as regiões, [pontos cardeais]), tendo se tornado a audição, entrou nos ouvidos. Os arbustos e as árvores, tendo se tornado pelos, entraram na pele. Candramas (a lua), tendo se tornado a mente, entrou no coração. A morte, tendo se tornado o ar descendente, entrou no umbigo. As águas, tendo se tornado a semente, entraram no órgão gerador.

**1.2.5.** Então Fome e Sede falaram a ele (o Ser): "Concede a nós dois (um lugar)". Ele lhes disse: "Eu lhes atribuo aquelas mesmas divindades lá, eu faço de vocês associados a elas".[21] Por isso, a qualquer divindade que uma oblação seja oferecida, fome e sede estão associados à mesma.

---

[16] Eles caíram de volta naquele ser universal de onde eles tinham surgido, a primeira pessoa criada, Virāj. Ou eles caíram no mundo, cuja última causa é a ignorância. [O *saṃsāra* é geralmente comparado a um oceano].
[17] É explicado que 'ingerir alimentos' significa perceber os objetos que correspondem aos sentidos, presididos pelas várias divindades.
[18] ['Esta certamente não é adequada para nós'. – Swami Gambhirananda].
[19] Aqui Puruṣa é diferente do primeiro Puruṣa, a pessoa universal, ele só pode significar o homem inteligente.
[20] *Sukṛta*, bem feito, virtude; ou, se tomado por *svakṛta*, feito por si próprio.
[21] ["Assim abordado, o Senhor disse à Fome e Sede: 'Como vocês são apenas sensações, não é possível vocês se tornarem comedores de alimentos sem serem dependentes de algum ser inteligente. Portanto eu os abençoo por lhes dar uma parte com esses deuses, Fogo, etc., no corpo e no mundo eterno composto de cinco elementos, em suas respectivas funções. Eu farei de vocês compartilhadores das partes designadas para esses respectivos deuses, tais como oblações de manteiga etc.'". – Śaṅkara, Comentário, traduzido por S. Sitarama Sastri].

# Capítulo 1

## Seção 3

### A CRIAÇÃO DO ALIMENTO E A INABILIDADE DE VÁRIAS FUNÇÕES CORPORAIS DE CHEGAREM ATÉ ELE

**1.3.1.** Ele pensou: "Há esses mundos e os guardiões dos mundos.[22] Eu vou enviar alimentos para eles".

**1.3.2.** Ele meditou sobre a água.[23] Da água assim meditada a matéria[24] (mūrti) nasceu. E essa matéria que nasceu, essa realmente era alimento.[25]

**1.3.3.** Quando esse alimento (a matéria objetiva) tinha sido assim emitido, ele quis fugir, gritando e se afastando. Ele (o sujeito) tentou agarrá-lo pela fala. Ele não conseguiu agarrá-lo pela fala. Se ele o tivesse agarrado pela fala, o homem se satisfaria por citar o alimento.

**1.3.4.** Ele tentou agarrá-lo pelo olfato (respiração). Ele não conseguiu agarrá-lo pelo olfato. Se ele o tivesse agarrado pelo olfato, o homem se satisfaria por cheirar o alimento.

**1.3.5.** Ele tentou agarrá-lo pela visão. Ele não pode agarrá-lo pela visão. Se ele o tivesse agarrado pela visão, o homem se satisfaria por ver o alimento.

**1.3.6.** Ele tentou agarrá-lo pela audição. Ele não conseguiu agarrá-lo pela audição. Se ele o tivesse agarrado pela audição, o homem se satisfaria por ouvir o alimento.

**1.3.7.** Ele tentou agarrá-lo pela pele. Ele não conseguiu agarrá-lo pela pele. Se ele o tivesse agarrado pela pele, o homem se satisfaria por tocar o alimento.

**1.3.8.** Ele tentou agarrá-lo pela mente. Ele não conseguiu agarrá-lo pela mente. Se ele o tivesse agarrado pela mente, o homem se satisfaria por pensar no alimento.

**1.3.9.** Ele tentou agarrá-lo pelo órgão gerador. Ele não conseguiu agarrá-lo pelo órgão. Se ele o tivesse agarrado pelo órgão, o homem se satisfaria por emitir o alimento.

**1.3.10.** Ele tentou agarrá-lo pelo ar descendente (o ar que ajuda a engolir os alimentos através da boca e levá-lo para fora através do reto, o *pāyvindriya*). Ele o obteve. Assim, é Vāyu (o obtentor[26]), que se apodera do alimento, e Vāyu é realmente Annāyu (aquele que dá vida ou que vive por meio de alimentos).[27]

---

[22] ['Esses, então, são os sentidos e os deuses dos sentidos'. – Swami Gambhirananda].
[23] A água, como mencionado antes, ou os cinco elementos.
[24] *Mūrti*, em lugar de *mūrtti*, forma, Colebrooke; um ser de forma organizada, Röer; *vrīhiyavādirūpā mūshakādirūpā ca murtiḥ,* ou seja, alimentos vegetais para os homens, alimentos de origem animal para os gatos, etc.
[25] Alimento oferecido, isto é, objetos para as Devatās e os sentidos do corpo.
[26] Uma tentativa de derivar Vāyu de *vī*, obter.
[27] ['Ele quis apanhá-lo com Apāna. Ele o pegou. Esse é o devorador de alimentos. Essa energia vital, que é bem conhecida como dependente de alimentos para sua subsistência, é esta energia vital (chamada Apāna)'. – Swami Gambhirananda].

## A ENTRADA DO SER NO CORPO

**1.3.11.** Ele pensou: "Como tudo isso pode existir sem mim?"[28] E então ele pensou: "Por qual caminho eu chegarei lá?[29] Daí ele pensou: "Se a fala cita, se o olfato cheira, se a visão vê, se o ouvido ouve, se a pele sente, se a mente pensa, se o ar descendente digere, se o órgão emite, então o que [ou quem] eu sou?"

**1.3.12.** Então, abrindo a sutura [sagital] do crânio, ele entrou por essa porta.[30] Essa porta é chamada de Vidṛti,[31] o Nāndana (o lugar de bem-aventurança). Há três moradas para ele, três sonhos; esta morada (o olho), esta morada (a garganta), esta morada (o coração).[32]

**1.3.13.** Ao nascer (quando o Ser Sublime entrou no corpo), ele examinou todas as coisas, para ver se alguma coisa desejava proclamar aqui outro (Ser).[33] Ele viu só essa pessoa (ele mesmo) como o Brahman amplamente difundido. "Eu o vi", assim ele falou;[34] portanto, ele era Idaṃdra (o que vê [ou percebe] isso).[35]

**1.3.14.** Tendo o nome de Idaṃdra, eles o chamam de Indra misteriosamente. Pois os Devas amam o mistério, de fato, eles amam o mistério.[36]

---

[28] ['A fala etc. são efeitos e servem a um mestre. O corpo é como uma cidade e deve haver um senhor da cidade. Ela é para o desfrutador. Então o desfrutador deve entrar no corpo'. – Śaṅkara].

[29] Ou, por qual dos dois caminhos eu devo entrar, um caminho sendo a partir do topo do pé (compare com o *Aitareya Āraṇyaka,* 2.1.4.1*), o outro a partir do crânio? Comentário.

[*'Brahman (na forma de prāṇa), entrou naquele homem pelas pontas dos seus pés, e porque Brahman entrou (*prāpadyata*) naquele homem pelas pontas dos pés, as pessoas as chamam de pontas dos pés (*prapada*), mas cascos e garras em outros animais'].

[30] ['O Senhor e Criador fendeu a cabeça onde o cabelo termina e entrou nesse fardo de causas e efeitos pelo caminho assim criado'. – Śaṅkara, Comentário, traduzido por S. Sitarama Sastri].

[31] ['A fenda' ou 'a entrada principal'].

[32] Passagens como essa sempre precisaram de uma interpretação oral, mas não é de modo algum certo que a explicação dada nos comentários representa realmente a antiga interpretação tradicional. Sāyaṇa explica as três moradas como o olho direito, em um estado de vigília; como a garganta, em um estado de sonho; como o coração, em um estado de sono profundo. Śaṅkara as explica como o olho direito, a mente interna, e o éter no coração. Sāyaṇa permite outra interpretação das três moradas, sendo o corpo do pai, o corpo da mãe, e o próprio corpo. Os três sonhos ou sonos ele explica por vigília, sonho e sono profundo, e ele observa que a vigília também é chamada de sonho em comparação com o verdadeiro despertar, que é o conhecimento de Brahman. Na última frase supõe-se que o orador, ao repetir três vezes 'esta morada', aponta para o seu olho direito, a garganta e o coração. Essa interpretação é apoiada por uma passagem na *Brahma-upaniṣad,* [v. 22].

[33] ['Ao nascer, Ele manifestou todos os seres; pois Ele falou (ou conheceu) qualquer outra coisa?' – Swami Gambhirananda].

[34] Nessa passagem, o que é muito obscura, Śaṅkara nos falha, seja porque, como diz Ānandajñāna, ele pensou que o texto era demasiado fácil para requerer alguma explicação, ou porque os escritores do manuscrito deixaram de fora a passagem. Ānandajñāna explica: "Ele olhou através de todas as criaturas, ele se identificou com elas, e pensou que ele era um homem, cego, feliz, etc.; ou, como é expresso em outros lugares, ele desenvolveu formas e nomes. E como é que esse erro surgiu? Porque ele não viu o outro, o verdadeiro Ser"; ou, literalmente, "Ele viu o outro Eu?" que é apenas uma figura de linguagem para transmitir o significado de que ele não o viu. O afixo *iti* deve, então, ser tomado em um sentido causal, (isto é, ele fez isso, porque o que mais ele poderia ter desejado proclamar?) Mas ele permite outra explicação: 'Ele considerou todos os seres, eles existissem por si mesmos ou não, e depois de ter considerado, ele chegou à conclusão: o que eu devo chamar de diferente do verdadeiro Eu?' As dificuldades reais, no entanto, não são removidas por essas explicações. A minha própria tradução é literal, mas não estou certo de que ela transmite o verdadeiro significado. Pode-se entendê-la como implicando que o Ser olhou em volta por todas as coisas para descobrir, 'O que deseja proclamar aqui um outro Eu?' E quando viu que não havia nada que não viesse dele mesmo, então ele reconheceu que o Puruṣa, a pessoa que ele tinha emitido, ou, como diríamos, a pessoa que ele havia criado, era o Brahman desenvolvido, era o Ātman, era ele mesmo.

[35] ["Ele ao nascer conheceu e falou só dos Bhūtas. Como ele falaria de algum outro? Então ele viu o Puruṣa, o Brahman, onipresente. Ele disse 'Isso eu vi'". – S. Sitarama Sastri].

[36] ['Eles gostam de ficar incógnitos'. – S. Sitarama Sastri. 'Eles gostam de nomes indiretos'. - Swami Gambhirananda].

# Capítulo 2

## Seção 1

### OS TRÊS NASCIMENTOS DO SER

**2.1.1.**[37] Realmente, desde o início ele (o ser) está no homem como um germe, que é chamado de semente. Essa (semente), que é a força reunida de todos os membros do corpo, ele (o homem) leva como o eu em seu eu (corpo). Quando ele entrega a semente à mulher, então ele (o pai), faz com que ela nasça. Esse é o seu primeiro nascimento.

**2.1.2.** Essa semente torna-se o eu da mulher, como se fosse um de seus próprios membros. Portanto, ela não a prejudica. Ela nutre o eu (do seu marido, o filho) dentro dela.

**2.1.3.** Aquela que nutre deve ser nutrida. A mulher carrega o germe [o embrião, o feto]. Ele (o pai) eleva[38] a criança, mesmo antes do nascimento, e imediatamente após.[39] Quando ele assim eleva a criança tanto antes quanto depois do seu nascimento, ele realmente eleva o seu próprio eu,[40] para a continuação desses mundos (homens). Pois assim esses mundos são continuados. Esse é o seu segundo nascimento.

**2.1.4.** Ele (o filho), sendo o seu eu, é então colocado em seu lugar para (a realização de) todas as boas obras. Mas o seu outro eu (o pai), depois de ter feito tudo o que tem que fazer, e tendo atingido a plena medida de sua vida, parte. E partindo daqui ele nasce novamente. Esse é o seu terceiro nascimento. E isso foi declarado por um Ṛṣi (ṚV. 4.27.1):

**2.1.5.** "Enquanto morava no útero, eu descobri todos os nascimentos desses Devas. Cem fortalezas de ferro me detinham, mas eu escapei para fora rapidamente como um falcão". Vāmadeva, encontrando-se no útero, dessa maneira declarou isso.

**2.1.6.** E tendo esse conhecimento ele adiantou-se,[41] após essa dissolução do corpo, e tendo realizado todos os seus desejos naquele mundo celeste tornou-se imortal, sim, ele tornou-se imortal.

---

[37] Alguns manuscritos começam este Adhyāya com a frase *apakrāmantu garbhiṇyaḥ*, 'Que as mulheres que estão com criança se afastem!' é contada como um parágrafo [e é omitida por mim em conformidade com as outras traduções].
[38] [Ou protege].
[39] Por nutrir a mãe, e através da realização de certas cerimônias, tanto antes quanto depois do nascimento de uma criança.
[40] [Protege a si próprio].
[41] ['Saltou para o alto' ou 'identificou-se com o Supremo', segundo outros tradutores].

## Capítulo 3

### Seção 1

**3.1.1.** Quem é aquele em quem nós meditamos como o Eu? O que[42] é o Eu? Aquilo pelo qual nós vemos (forma), aquilo pelo qual nós ouvimos (som), aquilo pelo qual nós percebemos cheiros, aquilo pelo qual nós proferimos palavras, aquilo pelo qual distinguimos doce e não doce,

**3.1.2.** E o que vem do coração e da mente, ou seja, a percepção, o comando, a compreensão, o conhecimento, a sabedoria, observação, retenção, pensamento, consideração, prontidão (ou sofrimento), memória, concepção, inclinação, respiração, amor, desejo? Não, tudo isso são apenas vários nomes do conhecimento.[43]

**3.1.3.** E esse Eu, que consiste em (conhecimento), é Brahman,[44] é Indra, é Prajāpati.[45] Todos esses Devas, esses cinco grandes elementos, terra, ar, éter, água, fogo, esses e aqueles que são, por assim dizer, pequenos e misturados,[46] e as sementes deste tipo e daquele, nascidas a partir de ovos, nascidas do útero, nascidas do calor, nascidas de germes,[47] cavalos, vacas, homens, elefantes, e tudo o que respira, que anda ou que voa, e o que é imóvel – tudo isso é guiado (produzido) pelo conhecimento. Isso se apoia no conhecimento. O mundo é guiado (produzido) pelo conhecimento. O conhecimento é sua causa.[48] O conhecimento é Brahman.[49]

**3.1.4.** Ele (Vāmadeva), tendo por esse Eu consciente saído deste mundo, e tendo obtido todos os desejos naquele mundo celeste, tornou-se imortal, sim, ele tornou-se imortal. Assim é, Om.

---

[42] Ou, 'Qual dos dois, o real ou o fenomenal, o *nirupādhika* [sem atributos ou qualidades, absoluto] ou *sopādhika* ['com *upādhis*', isto é, com atributos]'?

[43] [Inteligência, sabedoria, consciência, segundo outros tradutores].

[44] Hiraṇyagarbha. Comentário.

[45] Virāj. Comentário.

[46] Serpentes, etc., diz o comentário.

[47] Compare com a *Chāndogya Upaniṣad*, 6.3.1, onde *svedaja*, os nascidos do calor ou transpiração, não são mencionados.

[48] ['Tudo o que o homem não conhece não existe para ele'].

Nós não temos palavras para distinguir entre *prajñā*, estado de conhecer, e *prajñāna*, ato de conhecer. Ambos são nomes do Altíssimo Brahman, que é o início e o fim (*pratiṣṭhā)* de tudo o que existe ou parece existir.

[49] ['Todos esses têm a consciência como causadora de sua realidade; todos esses são impelidos pela consciência; o universo tem a consciência como seu olho e a consciência é seu fim. A consciência é Brahman'. - Swami Gambhirananda].

*Om! Que a minha fala se baseie na (isto é, concorde com) mente;*
*Que a minha mente se baseie na fala.*
*Ó Autorrefulgente, revela-Te para mim.*
*Que vocês duas (fala e mente) sejam as portadoras do Veda para mim.*
*Que nem tudo o que eu ouvi se aparte de mim.*
*Eu unirei (isto é, eliminarei a diferença entre) dia*
*E noite através deste estudo.*
*Eu falarei o que é verbalmente verdadeiro;*
*Eu falarei o que é mentalmente verdadeiro.*
*Que esse (Brahman) me proteja;*
*Que Ele proteja o orador (ou seja, o professor), que Ele me proteja;*
*Que Ele proteja o orador - Que Ele proteja o orador.*
*Om! Paz! Paz! Paz!*

---

Aqui termina a Aitareyopaniṣad, como contida no Ṛgveda.